

UNIVERSIDADE DO PIAUI – UESPI
CAMPUS PROFESSOR ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

LUCIANE MOREIRA ANDRADE DE LIMA

RÁDIO, TV E MÚSICA: a difusão musical em Parnaíba entre 1940 e 1970.

Parnaíba – PI
2010

CAMPUS DE FERRAS - AV. FERREIRA GOMES, 261 - FERRAS - ES
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

1 - ANO DE 2010

PROVA DE HISTÓRIA - 1ª FASE - 2010

LUCIANE MOREIRA ANDRADE DE LIMA

RÁDIO, TV E MÚSICA: a difusão musical em Parnaíba entre 1940 e 1970.

Trabalho de conclusão de curso apresentado a Universidade Estadual do Piauí como um dos pré-requisitos para a conclusão do curso de Licenciatura Plena em História, sob a orientação da prof. M.s. Mary Angélica Costa Tourinho.

Parnaíba – PI
2010

Biblioteca UESPI - PHB
Registro Nº M 785
CDD 780.8
CUTTER L 732 r
V _____ EX. 01
Data 05 / 07 / 2012
Visto *M. Tourinho*

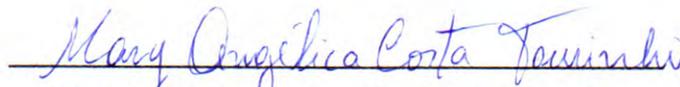
LUCIANE MOREIRA ANDRADE DE LIMA

RÁDIO, TV E MÚSICA: a difusão musical em Parnaíba entre 1940 e 1970.

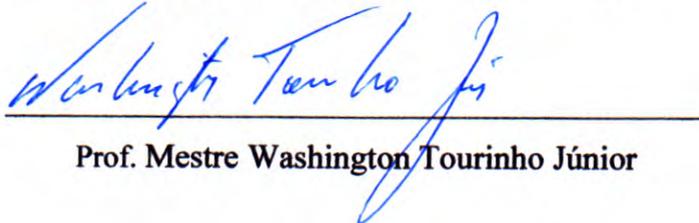
Trabalho de conclusão de curso apresentado como exigência parcial para a conclusão do curso de Licenciatura Plena em História, à banca examinadora da Universidade Estadual do Piauí.

Aprovada em ____ / ____ / ____

Banca Examinadora



Prof. Mestra Mary Angélica Costa Tourinho



Prof. Mestre Washington Tourinho Júnior

Prof. Mestre Idelmar Gomes Cavalcante Júnior

Dedico a minha família e a memória de meu avô, Sebastião da Costa Andrade, um grande apreciador da música. E a todos que despertam o mesmo interesse.

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho só foi possível por todas as ações empreendidas e por todas as pessoas que me ajudaram direta e indiretamente a fazê-lo. E a todos que me auxiliaram para a execução desta tarefa eu manifesto com estas palavras todo o meu agradecimento.

Entretanto, antes mesmo de manifestar qualquer palavra de gratidão a alguém, eu primeiramente agradeço a Deus por ter me concedido a vida, a saúde e as forças necessárias para continuar caminhando em busca da realização dos meus sonhos.

Aos meus pais, José Lucimar de Lima e Rosangela Moreira Andrade de Lima, sou eternamente grata, por todas as possibilidades de crescimento que os dois me ofereceram durante toda vida, pelos conselhos e pelo apoio incondicional. Obrigada pai! Obrigada mãe!

Agradeço aos meus avós, Sebastião da Costa Andrade e Maria de Jesus Moreira Andrade, por tudo que fizeram por mim desde a minha infância. Não deixaram de serem meus segundos pais.

Aos meus tios, com os quais sempre convivi e aprendi nos momentos difíceis a importância e o valor da nossa família. Agradeço, especialmente aos meus tios Sebastião Renildo Moreira Andrade, Rejane Moreira Andrade e Kleber Lima por terem me auxiliado diretamente na produção deste trabalho.

Agradeço aos meus amigos, que me acompanharam neste percurso, trazendo sempre uma presença positiva e alegre nas nossas vivências, na universidade e fora dela. Tenho enorme gratidão por Lívia Maria de Aguiar Terto e Carla Amara Pereira dos Santos por terem sempre sido comigo amigas tão dignas. Mas, aqui não poderia me furtar de agradecer especialmente a minha grande amiga e companheira Sandrilene Borges do Nascimento, que pude contar em todos os momentos que precisei no decorrer desta caminhada. Obrigada, minha amiga! Você sabe o quanto é importante para mim!

Muitíssimo obrigada aos meus entrevistados, Bernardo Silva, Jaime Lins e Francisco Eliziario, que desde o primeiro momento mostraram-se inteiramente disponíveis as minhas solicitações para a realização deste trabalho.

Agradeço aos meus professores pela atenção e pelo compromisso com a nossa formação. Sou muito grata a minha orientadora Mary Angélica Costa Tourinho por ter me recebido de braços abertos e ter me dado todo o incentivo e o suporte para produção deste difícil trabalho.

Também agradeço, ao não só professor, mas também amigo Idelmar Cavalcante Gomes Junior pela grande contribuição de suas orientações, que muito me ajudaram na organização do trabalho.

Agradeço ao presidente do Instituto Histórico Geográfico e Genealógico de Parnaíba, Reginaldo Junior pela disponibilidade e pelo interesse que demonstrou no auxílio desta monografia.

Não poderia esquecer de agradecer a Fernando do Nascimento pelo valioso auxílio e apoio na organização deste trabalho!

A todos vocês eu dirijo o meu **MUITO OBRIGADA!**

RESUMO

Este trabalho tem como principal interesse refletir sobre as implicações da chegada do rádio e da TV na difusão musical em Parnaíba, na tentativa de compreender os reflexos do impacto cultural decorrentes do contato ocorrido entre os parnaibanos e as mídias culturais difundidas pelas imagens e pelos sons. O trabalho mostra a verificação de mudanças culturais na cidade manifestadas nas práticas cotidianas e nos costumes, que demonstram a intensidade de tais experiências, refletidas nas formas de recepção, assimilação e produção musical em Parnaíba, entre 1940 e 1970.

PALAVRAS-CHAVE: Rádio; TV; Música; Consumo; Cotidiano; Cultura.

ABSTRACT

This work has as main interest to reflect on the implications of the arrival of radio and TV broadcasting in Music in Parnaíba in an attempt to understand the cultural consequences of the impact caused by contact occurring between parnaibanos cultural and media broadcast the images and sounds. The work shows the verification of cultural changes in the city expressed in daily practices and customs, which show the intensity of such experiences, as reflected in the forms of reception, assimilation, and produces music in Parnaíba between 1940 and 1970.

KEY WORDS: Radio; TV; Music; Consumption; Quotidian; Culture.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO I - O SÉCULO XX: modernidade e comunicação de massa.....	11
1.1. A cultura brasileira e o contexto de suas mudanças no século XX.....	11
CAPÍTULO II – PARNAÍBA: da inserção do Rádio à televisão (1940-1970).....	17
CAPÍTULO III - O CONSUMO DA MÚSICA PELOS OUVIDOS DOS PARNAIBANOS: entre letras, imagens e sons.....	28
3.1 As referencias musicais brasileiras em Parnaíba: entre a recepção, a assimilação e a produção musical.....	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	44

1. INTRODUÇÃO

A realização deste trabalho surgiu inicialmente do prazer e da curiosidade que a música e os seus veículos me despertam. A primeira, por ser em nosso país tão rica fonte de pesquisa, sendo carregada de elementos culturais, históricos e simbólicos, que dão a ver muito sobre contextos sociais, políticos e culturais de uma dada época.

Ao realizar estudos sobre História Cultural emergiu a possibilidade de desenvolver um estudo sobre esta temática, procurei estreitar veículos com leituras que subsidiassem a minha análise e escrita. Neste vínculo que estabeleci conheci o trabalho de pesquisadores sobre a música brasileira, a indústria cultural e a comunicação de massa. Primeiramente cito o texto básico de Theodor Adorno, intitulado “A Indústria Cultural: O esclarecimento como mistificação das massas”, que versa sobre a existência de uma produção cultural autoritária e alienadora, própria de sociedades capitalistas. Utilizei ainda, como principais referências a obra “A invenção do cotidiano: artes de fazer” de Michel de Certeau, indispensável para entender o consumo da música em Parnaíba, utilizando a idéia que o autor defende sobre as astúcias dos consumidores.

Além destes, textos de Marcos Napolitano serviram para pensar, entre outras coisas, sobre a estruturação dos estudos na área de música. O texto de José Luiz dos Santos sobre cultura, especialmente a idéia que o mesmo desenvolve em torno da cultura de massa. A leitura do trabalho de Rejane Markmam e Renato Ortiz, foi fundamental para conhecer o processo de instalação da indústria cultural no Brasil, assim como seu impacto. A compreensão das mudanças que se operaram nos espaços públicos e privados durante o século XX foi possível através do texto de Antoine Prost. Outros trabalhos também foram utilizados, porém, virtude da necessidade de ser breve me restrinjo a apresentar aqui somente estes.

A construção da narrativa presente no trabalho só foi possível a partir do uso de técnicas de pesquisa que pudessem contribuir para a produção do mesmo. E para isto, foram utilizadas fontes escritas – entre textos, artigos e jornais –, iconográficas – pinturas e fotografias – e ainda fontes orais, depoimentos que muito contribuíram para conhecer em certa medida o período investigado.

Três
O trabalho está dividido em dois capítulos O primeiro capítulo, intitulado: “O século XX: modernidade e comunicação de massa”, que trata do caráter das mudanças no início do século passado, mostrando o impacto sobre a cultura, do desenvolvimento tecnológico na área da comunicação. O texto apresenta como se deu o processo de

instalação da indústria cultural brasileira, assim como mostra a importância do rádio e da televisão neste empreendimento, dado o seu poder comunicativo. Já neste capítulo, o objeto do trabalho aparece, no subitem 1.2, que mostra o impacto cultural da chegada do rádio e da TV em Parnaíba, apresentando os contextos de instalação de cada um.

O segundo capítulo, por sua vez, versa sobre o consumo musical na cidade, mostrando os seus meios e os seus espaços de propagação. Reflete ainda sobre, as manifestações da recepção, da assimilação e da produção musical em Parnaíba, entre imagens, letras e sons.

É o terceiro ?

1. O SÉCULO XX: modernidade e comunicação de massa

1.1 A cultura brasileira e o contexto de suas mudanças no século XX

O século XX, caracterizado por muitos historiadores como um momento histórico marcado pela ocorrência de profundas transformações sucedidas num curto espaço de tempo em ritmo muito acelerado, é um momento sinalizador de novas relações entre a sociedade e o que ela produz, ou ainda o que foi produzido para ela.

As novas tecnologias inseridas neste contexto permitem-nos verificar, o quanto, principalmente no aspecto cultural, a sociedade pôde vivenciar e experimentar situações inteiramente novas, ensejadoras das mais diversas formas de reações e comportamentos, diante daquilo que passa a incluir o sujeito numa realidade diferenciada da qual vivenciara anteriormente em um cenário cada vez mais moderno.

Assim, ser moderno é estar em contato com um ambiente de transformação e êxtase, um turbilhão, onde o público se movimenta e se fragmenta, onde as fantasias e apreensões se contrapõem, ao mesmo tempo em que se justapõem a antigas e novas percepções de mundo e de organização social (BERMAN, 1986, p. 15).

O aspecto cultural durante o período em questão sofrerá intensamente o impacto decorrente do crescimento e das transformações do capitalismo, criador de novas necessidades, influenciando preferências e a própria maneira de pensar dos indivíduos. Para isto, os meios de comunicação de massa foram cada vez mais explorados para conquista dos consumidores.

O rádio e a televisão estão enquadrados neste contexto de desenvolvimento do sistema capitalista. Enquanto veículos comunicativos foram durante muito tempo, num patamar privilegiado, instrumentos eficazes na divulgação de novos padrões tecnológicos, estilísticos e comportamentais. A partir deles a proposição de modelos e estilos de vida foi realizada e a própria cultura de massa foi veiculada de forma bastante abrangente, sob as mais diversas formas, atendendo a diferentes interesses. A comunicação por estes meios ocorreu com bastante eficiência, já que:

Eles penetram em todas as esferas da vida social, no meio urbano ou rural, na vida profissional, nas atividades religiosas, no lazer, na educação, na participação política. Tais meios de comunicação não só transmitem informações, não só apreçoam mensagens. Eles também difundem maneiras de se comportar, propõem estilos de vida, modos de organizar a vida cotidiana, de arrumar a casa,

de se vestir, maneiras de falar e de escrever, de sonhar, de sofrer, de pensar, de lutar, de amar. (SANTOS, 1987, p.64-65)

Os interesses empresariais atrelados ao desenvolvimento tecnológico, no âmbito das comunicações, tornaram possível a estruturação da chamada indústria cultural, onde a os bens culturais passaram a ser transformados em mercadorias. Tais fenômenos motivaram intelectuais, na tentativa de compreender a dinâmica orientadora destes processos, assim como o impacto que os mesmos provocaram e provocam na esfera social. São exemplos destes estudiosos Walter Benjamin, Theodor Adorno e Horkheimer, membros da Escola de Frankfurt. Em meio a estas análises a noção de indústria cultural foi desenvolvida levando em consideração os traços característicos de sociedades modernas e capitalistas. Theodor Adorno figura em meio a tais produções, como o fundador de estudos mais maduros e de conceitos fundamentais ao estudo e ao amadurecimento de idéias que se referiam ao contexto da produção cultural numa sociedade de massa. Um dos conceitos forjados pelo filósofo de Frankfurt foi o de “indústria cultural”, que se tornou base para o desenvolvimento de estudos, sendo um referencial para (re)elaboração outros conceitos acerca da mesma temática. A noção de indústria cultural por ele desenvolvido enxerga a mesma como um agente autoritário, que possui um caráter integrador, no qual as imposições são feitas às pessoas de cima para baixo, onde há uma tentativa de mantê-las sintonizadas a um centro, produzindo ainda, uma padronização cultural alienadora.

Na realidade, é por causa desse círculo de manipulações e necessidades derivadas que a unidade do sistema torna-se cada vez mais impermeável. O que não se diz é que o ambiente em que a técnica adquire tanto poder sobre a sociedade encarna o próprio poder dos economicamente mais fortes sobre a mesma sociedade. A racionalidade técnica hoje é a racionalidade da própria dominação, é o caráter repressivo da sociedade que se auto-aliena. (ADORNO, 1969, p. 9)

Adorno (1969) enxerga a existência de uma dinâmica manipuladora regida por uma racionalidade técnica que está a serviço da classe dominante e da própria dominação. Neste caso a razão e a tecnologia servem aos interesses do sistema capitalista, revelando seu próprio poder sobre as massas. Defende que existe um eixo impermeável, de onde emanam as manipulações e geram necessidades, não havendo assim uma troca, mas uma imposição, que aliena a sociedade, e por sua vez recebe passivamente tudo aquilo que é veiculado pela indústria cultural, vista como um ente autoritário e alienante.

Segundo Renato Ortiz (1987), no Brasil, a chegada da indústria cultural estará marcada por elementos que envolvem a realidade econômica, política e cultural do país. A

massificação, no caso brasileiro, só se torna uma realidade quando se verifica a densidade do caráter urbano-industrial, característicos de sociedades capitalistas. Até este momento, as notícias, os bens culturais eram difundidos por jornais, revistas e livros.

A cultura e as informações só foram veiculadas de forma mais abrangente quando o rádio chega e é percebido como um excelente veículo comunicativo, recebendo incentivos suficientes à sua estruturação e manutenção. Vale dizer que este processo não ocorreu simultaneamente, somente a partir de 1940 que se verifica a efetivação da cultura de massa com a consolidação do rádio.

A realidade brasileira da indústria cultural demonstra a existência de alguns entraves ao desenvolvimento deste tipo de modalidade capitalista, que procura vender seus produtos através de articulações culturais. O que existia no país era uma incipiente indústria cultural. Para iniciar esta reflexão é fundamental fazer um recuo ao período em que mais se propagou o intuito de industrialização da economia brasileira, década de 1930, com a chegada da burguesia industrial ao poder. Mesmo com a chegada ao poder e o desejo do presidente Getúlio Vargas (1930-1945) e dos industriais de subsidiar e intensificar o processo de industrialização brasileiro, ainda havia no país muitos resquícios das estruturas oligárquicas e do caráter localista predominantes anteriormente, que a partir deste momento só passaram a tomar novas dimensões, chegando em algumas situações a fragmentar e enfraquecer de alguma forma, o desenrolar deste processo de fomento industrial.

Neste sentido, o Brasil ainda apresentava traços que não o insere na realidade de países em que a modernização e mesmo a expansão do capitalismo chegaram ao seu ápice, no sentido de criar as condições necessárias ao desenvolvimento de uma indústria de bens culturais, realmente forte, planejada e estruturada. Por outro lado, esta descaracterização brasileira dos moldes econômico-sociais efetivamente modernos não chegou a impedir a incipiência da mercantilização cultural por meio do rádio, nos anos de 1930 e da TV nos anos de 1950. A realidade brasileira – de acordo com a análise do pesquisador Edwar Shills (1968), na obra “Sociedade de Massa e sua Cultura” – ocorrera diferencialmente do que havia acontecido na Europa, nos países de economia capitalista, e nos EUA. A visão presente no trabalho do autor apresenta um posicionamento que foge a análise frankfurtiana sobre a indústria cultural e a sociedade de massas. Para ele vivíamos nos anos de 1930 uma espécie de pré-modernidade, onde coexistiam aspectos econômicos, políticos e sociais antigos e novos. Mesmo com o início da Era Vargas e a existência de interesses por parte do Estado brasileiro em promover uma integração cultural a nível nacional,

fortalecendo a idéia de nação brasileira, isto pode ser observado na precariedade de condições materiais para a criação de uma rede radiofônica nacional, capaz de penetrar pelo menos na maioria das grandes cidades brasileiras. Inicialmente predominou uma radiofonia local, devido a restrições de ordem tecnológica e financeira. Um exemplo disto foi a própria Rádio Nacional, criada durante o governo de Getúlio Vargas, tinha uma frequência restrita a apenas algumas partes da cidade de São Paulo. No Piauí, na virada da década de 1930 para 1940 – quando da fundação da primeira estação de rádio do Estado, a Rádio Educadora de Parnaíba resultado de tentativas experimentais de técnicos de rádio – o que havia em termos de transmissões sonoras eram as veiculadas pelas cornetas e amplificadoras organizadas por empresas comerciais para a divulgação de seus produtos, como foi o caso da Rádio Propaganda Sonora Rianil, que servia para divulgar as Lojas Rianil, a qual possuía filiais no Piauí e em outros Estados da região Nordeste. Assim, a radiodifusão só tornou-se uma experiência mais sólida a partir dos anos 1940, *a priori* nas cidades mais desenvolvidas economicamente do Piauí, especialmente Parnaíba e Teresina, e em seguida nos demais municípios.

No Brasil, a chamada indústria cultural chega ainda insólita no transcorrer da II Guerra Mundial e só se consolidada na década de 1970, o que nos leva a perceber que mesmo em um período de rápidas mudanças este tipo de mercado se solidifica de maneira tardia nas demais capitais do país. Como explica Markman (2007, p. 52)

[...], a sociedade de massas emergiu com o advento da industrialização brasileira, iniciada, precariamente, durante a Segunda Guerra Mundial, e consolidada nos anos 70. A urbanização crescente mudou a cara das cidades e da estratificação social o que, com o desenvolvimento do setor terciário possibilitou o surgimento da classe operária. Entretanto, no primeiro momento a incipiente industrialização não foi capaz de criar um mercado cultural ou de bens simbólicos, já que não se havia expandido entre a classe empresarial uma mentalidade gerencial oriunda da racionalidade capitalista.

Neste sentido, como a autora expõe, o contexto de instalação da indústria cultural brasileira foi um período de transformações estendidas no decorrer do século XX, principalmente nas grandes cidades brasileiras onde as primeiras condições de estabelecimento da mercantilização dos bens culturais dependiam do interesse de expansão por parte dos empresários, que no princípio não projetavam o crescimento e a riqueza que o mercado cultural poderia trazê-los, comprometendo assim a viabilização e o maior sucesso do empreendimento.

A comunicação de massa nesta perspectiva se encarrega de vender o que foi idealizado para ser consumido, de modo a realizá-lo sob uma forma dinâmica, rápida e em

grande medida facilmente absorvida pela sociedade. Outro papel assumido por este tipo de comunicação refere-se à transmissão das informações, o elemento redimensiona a própria noção de espaço que o indivíduo tem do mundo, pois diante de uma situação em que há uma proliferação significativa de dados, numa enorme velocidade, difundidas a uma grande quantidade de pessoas, tem-se a sensação de que as distâncias encurtaram produzindo uma subjetividade que pensa a existência como apenas uma unidade de mundo global. Assim o próprio pensar se transforma influenciando significativamente na linguagem. Na Era do Rádio, por exemplo, a capacidade narrativa adquire um maior desenvolvimento. O ato de narrar proporciona também o melhoramento da habilidade de ouvir e imaginar dos indivíduos, o que torna mais fácil a compreensão da comunicação radiofônica, sendo esta bastante inteligível, aproximando cada vez mais o ouvinte. Como afirma Gisela Ortriwano (1985), o rádio envolve o ouvinte, fazendo-o participar por meio da criação de um diálogo mental com o emissor.

Inclui-se ainda no contexto da comunicação de massa a penetração dos espaços privados, onde a invasão de informações se torna mais constante, conseguindo dessa forma obter a atenção dos seus receptores, através de atrativos e estratégias discursivas que sejam capazes de alcançar a manutenção do público consumidor, pois:

A informação apresentava a questões públicas como tais, em sua generalidade e sua exterioridade. A comunicação quer que todos as partilhem pessoalmente: ela aborda os problemas gerais a partir de casos particulares que possam despertar uma identificação, dramatizando e apelando aos sentimentos. Ela pretende que o acontecimento seja "diretamente vivido", como se o espectador fosse um ator. Assim, ela dissolve as fronteiras do privado e do público. (PROST, 2009, p. 131)

Assim, a influência sobre o público ocorre através da elaboração de uma mensagem dotada de recursos que apelam ao individual, ao íntimo e aos sentimentos. As estratégias utilizam como pretextos casos individuais na intenção de atingir a maioria das pessoas. A comunicação no contexto da indústria cultural massifica as informações se utilizando de tais procedimentos.

Após a chegada do rádio, a massificação segue em 1950 no Brasil, com a chegada da televisão. Neste momento, o governo brasileiro aderiu a uma política econômica de aproximação com o capital estrangeiro, promovendo uma abertura da economia à importação de produtos duráveis, como era o caso de eletrodomésticos, eletroeletrônicos e automóveis. Foi neste contexto que a introdução da televisão chegou ao Brasil. Expandiu-se vertiginosamente com o passar dos anos e acabou assumindo de certa forma o papel anteriormente ocupado pelo rádio, chegando a efetivar uma das principais características

da indústria cultural, o caráter integrador, algo ainda não alcançado pelo rádio, por mais presente que este fosse ao cotidiano dos brasileiros, já que muitas estações radiofônicas possuíam um caráter regionalista, contemplando a cultura local em suas programações.

Inicialmente a TV também passou por limitações semelhantes ao rádio, no que se refere a capacidade transmissiva. Não havia uma rede que pudesse transmitir para todo o país, havendo durante esses primeiros anos um aspecto regional. Entretanto com o passar do tempo e com o interesse do empresariado em desenvolver cada vez mais este novo segmento, capaz de se tornar muito lucrativo, as tecnologias em torno da possibilidade de retransmissão para o restante do país, aprimoraram-se e de fato a televisão conseguiu se tornar progressivamente um agente integrador cultural, à medida que aumentava o acesso da população à mesma.

Enquanto um agente comunicativo a TV, dispondo do recurso audiovisual, pôde transformar profundamente os comportamentos, por em questão os costumes, alterar a relação familiar, lançar estilos e moda, como também incentivar o consumo dos mais diversos produtos. A televisão deu continuidade a muitas das coisas já oferecidas anteriormente pelo rádio, só que de uma forma mais moderna e dinâmica. Assim, a partir deste momento o rádio e a TV passaram a dividir o mesmo espaço, embora sendo diferencialmente consumidos e subjetivados.

2. PARNAÍBA: da inserção do Rádio à televisão (1940-1970)

A década de 1940 em Parnaíba, em termos econômicos foi marcada por um intenso fluxo de exportações e pelo fortalecimento do comércio, com a atuação de grandes empresas – Moraes & Companhia, Franklin Veras & Cia, União Fluvial Ltda, Empresa de Curtume do Piauí, Poncion Rodrigues & Cia, etc. – e o desenvolvimento de atividades financeiras a ele ligadas.

A sociedade parnaibana neste momento assiste a um cenário de modernidade advindo das profundas transformações decorrentes de tudo aquilo que uma economia fortemente comercial pôde proporcionar durante o seu desempenho, no que diz respeito à chegada de novidades no campo social, tecnológico e cultural.

A intensa atividade comercial desenvolvida desde o final do século XIX, sustentada pelo extrativismo vegetal, da cera de carnaúba, fez de Parnaíba uma cidade que pôde manter contato com outros países do mundo e consumir seus produtos e em parte seu estilo de vida. Era o fluxo econômico que proporcionava este intercâmbio que se dava também no plano cultural, afinal os parnaibanos com poder aquisitivo, experimentavam dos perfumes, dos tecidos enfim, da moda européia.

A partir da década de 1950 a economia da cera de carnaúba passa a viver o início de uma fase de declínio, com a diminuição das exportações e do fluxo das navegações no rio Parnaíba. A economia da cidade vai ficando mais restrita as atividades comerciais. Muitas empresas de grande porte permaneceram instaladas na cidade, e Parnaíba ainda gozava de uma posição econômica privilegiada. Lojas de roupas, tecidos de luxos, calçados, perfumarias, boticas, hotéis, bares, restaurantes, bancos, entre outros configuravam as diversas práticas comerciais e financeiras existentes na cidade.

Neste contexto, a cidade recebia no seu espaço contribuições do desenvolvimento econômico. Nos primeiros anos da República, o espaço urbano demonstrava arquitetonicamente aspectos de modernidade. Muitos casarões foram construídos, nos moldes da arquitetura européia, ruas calçadas, praças embelezadas, enfim mudanças sinalizadoras de toda a riqueza oriunda do comércio. O centro da cidade, onde está localizado o Porto das Barcas, a Praça da Graça, os prédios das firmas, casas de comércio e residências de famílias abastadas, revelavam todos estes aspectos. O luxo na arquitetura demonstra o apogeu da economia em Parnaíba.



Figura 1 – Fotografia da Praça da Graça – 1938
 Fonte: Acervo do Instituto Histórico Geográfico e Genealógico de Parnaíba

A imagem mostra do lado esquerdo prédios comerciais e residências. Do lado direito um dos principais logradouros de Parnaíba, a Praça da Graça. Localizada no centro da cidade, hoje conta com a Igreja Matriz de Nossa Senhora das Graças, o monumento e teve seu espaço alterado durante a gestão do prefeito João Batista Ferreira da Silva (1977-1982). Foi e ainda é palco de muitas manifestações públicas, como comemorações cívicas, religiosas e políticas. Durante a primeira metade do século XX, a Praça da Graça constituía um dos principais espaços de lazer e sociabilidades de Parnaíba.

A atividade comercial motivava o intenso fluxo de pessoas para o centro de Parnaíba. Contudo, a vida urbana não estava restrita ao centro, os demais bairros da cidade localizavam-se em regiões mais periféricas. Além do Bairro Centro havia o Bairro Campos, os Tucuns, atualmente chamado de Bairro São José, o Macacal, recebendo posteriormente o nome de Bairro de Fátima, o Bairro do Carmo, também conhecido como Coroa, a Guarita e o Curro, sendo depois chamado de Bairro Nova Parnaíba.

Nestes bairros a movimentação de pessoas era intensa, o comércio era realizado em pequenas mercearias, também comumente chamadas de quitandas. A ilustração a seguir apresenta um dos bairros populares de Parnaíba, o Bairro São Francisco.



Figura 2 -- Guarita: bairro periférico de Parnaíba

A imagem apresenta uma das pouquíssimas representações existentes sobre outros bairros da cidade, que não o centro. Na pintura aparecem além de pequenas residências ao fundo, os trilhos da Estrada de Ferro, a Maria Fumaça, a Guarita¹ e alguns automóveis. A pintura representa uma cena do Bairro São Francisco na década de 1960. Todavia, desde a década de 1920 o espaço já era utilizado pela população e pelo itinerário da Estrada de Ferro, e fazem surgir mais um bairro na cidade. É interessante observar que a maioria das imagens que representam Parnaíba, na primeira do século passado mostra basicamente a parte central da cidade, tornando-se difícil testemunhar, a partir de fontes iconográficas, a estrutura dos demais bairros parnaibanos. Um dos recursos utilizados para tal medida está no depoimento e na memória de antigos moradores.

Os primeiros anos do século XX revelam não somente o esplendor econômico, o desenvolvimento e as mudanças sociais, mas os anseios por parte da elite comercial de melhoramentos e obras por parte do poder público no sentido de criar condições para a manutenção e o fortalecimento de sua atividade, que de certa maneira era profundamente suscetível à conjuntura do exterior, dado as exportações. O Almanaque da Parnaíba, na décima sétima edição (1940, p. 75), possui um artigo escrito pelo inspetor fiscal da Fazenda Estadual, José Tobias Duarte, que trata de uma reflexão sobre o crescimento da

¹ Construção pertencente à Estrada de Ferro Central do Piauí. De acordo com o trabalho de Antonio Rodrigues Ribeiro "Parnaíba - Presente do Passado" (2003) esta edificação servia de depósito para alguns equipamentos da ferrovia, assim como abrigava a chave seletora de desvio da estrada para o Cocal e para o Igarapu.

receita do Estado do Piauí, da tributação que recaí sobre a população piauiense e das melhorias necessárias ao crescimento do Estado:

Finalmente, pode-se deduzir que do ligeiro estudo que fizemos, só o fomento e o desenvolvimento geral da Agricultura e da Pecuária, pode, presentemente, proporcionar elevação, sensível em nossas rendas, sem onerar os contribuintes de novos impostos ou crescer os atuais. E como prova do que afirmamos, temos ótimos resultados obtidos pelos últimos governos que teem dispensados cuidados áquelas fontes de renda, instalando campos experimentais de sementes, a venda por intermédio da Diretoria da Agricultura, ultimamente creada de material agrário e reprodutores raciados. Estas louváveis iniciativas, porém merecem ser ampliadas, que passem mesmo a uma segunda fase, com melhor doação orçamentária, crédito rural bem difundido, mecanização e racionalização da lavoura e da criação, com maior corpo tecnico, de par com a conclusão das estradas de ferro de Petrolina, Crateús e Periperi, que cortam em todos os sentidos o centro do Estado até Teresina dos serviços federais e estaduais de rodovias e a conservação das estradas já existentes, a dragagem do rio Parnaíba que, na sua baixada danifica a navegação e dificulta a passagem das embarcações carregadas de gêneros e mercadorias nos bancos de areia; - tudo isto de combinação com o sistema de estradas ramais que liguem os centros produtores, creadores e comerciais aquelas grandes artérias, tornado mais barato, mais fácil e mais rápido o meio de comunicação e transporte das mercadorias que importamos e dos gêneros que exportamos, além de transformar o nosso padrão de vida interna como o aumento de possibilidades comerciais.

A preocupação com a manutenção da riqueza explorando os potenciais piauienses levava a projeção de estratégias que vizassem melhorar o desempenho das atividades econômicas. Entre estas estratégias figurava a viabilização da comunicação. Não somente a oferecida pelo intercâmbio dos transportes, da ferrovia, mas a comunicação providenciada pelas transmissões sonoras. O comércio parnaibano fez uso de tal recurso. Tanto as amplificadoras como a Rádio possuíam vínculo com os empreendimentos comerciais, daí o apoio da classe comercial a instalação da Rádio Educadora de Parnaíba, como confirma o trecho a seguir:

É indiscutível que a Rádio Educadora de Parnaíba deve muito do seu êxito ao comércio e aos capitalistas da cidade, todos sempre dispostos a ajudarem-na em qualquer ocasião; aos poderes públicos, estadual e municipal, que lhe reservam valiosas subvenções anuais; e finalmente á dedicada colaboração dos ouvintes, na cidade, no Estado e em todo o País. (O LIVRO DO CENTENÁRIO DE PARNAÍBA, 1945, p. 189)

No Brasil, durante os anos de 1940, o rádio já era um meio de comunicação largamente utilizado e o número de estações radiofônicas também era significativo. No Piauí, em 1935 a comunicação a partir das ondas sonoras iniciou-se por meio de amplificadoras. Tais aparelhos de som eram colocados em lugares altos, postes, árvores e

fachadas de comércios. Na Praça da Graça, ouvia-se diariamente o pronunciamento do prefeito da cidade e anúncios comerciais nos bairros, que na sua maioria possuíam suas amplificadoras e por sua vez realizavam, junto aos jornais, a comunicação urbana.



Figura 3 – Almanaque da Parnaíba - 1940

Fonte: Acervo da Biblioteca do Convento da Igreja de São Sebastião

Estes aparelhos de som informavam e divertiam a população nos bairros. Rapazes ofereciam músicas em especial para as moças, mensagens eram lidas para homenagear os aniversariantes, assim como outros avisos eram divulgados pelas amplificadoras. No depoimento a seguir concedido em entrevista pelo ex-locutor de amplificadora e radialista Jaime Lins (15.05.2010), é possível perceber como se dava a experiência com as amplificadoras nos bairros e a relação dos moradores com os serviços prestados pelos equipamentos de som:

Eu fui locutor de amplificadora... Olha, isso seria como as rádios comunitárias hoje, na época claro amplificadora não tem transmissor então não tem rádio. Era colocado num mastro, tinha aquela boca, que eles chamavam; era um projetor de som, sempre interligado a um comercio, a uma mercearia e... ali se instalava aquele pequeno estúdio e se mantinha através de músicas onde as pessoas pagavam pra ouvir e,... onde se colocavam mensagens... E comigo aconteceu, chegou uma pessoa e disse: Olha! Eu já tenho uma namorada mais tu arranja um jeito aí, tu não vai dizer, e nem uma nem outra sabe, então tu vai fazer o seguinte: eu vou ditando e tu vai dizendo. E eu: tá bom! Tu vai dizendo aí: Atenção! Atenção! Essa mensagem é oferecida pra um alguém, que esse alguém sabe muito bem quem é esse alguém que está oferecendo. Assinado: um alguém. Aí eu até disse, rapaz, isso é coisa de louco. É tanto negócio de um alguém pra outro alguém, que esse alguém sabe muito bem quem é esse alguém, como é que pode? E o cara ainda saiu preocupado. Rapaz a gente vê cada coisa, burrice, e pagava... Ele ditando pra mim e eu dizendo esta besteira. Era uma gozação! Dava aviso de aniversário, de velório e uma vez mandaram uma nota para o Nonato lê. Ele começou: Não percam logo mais, às sete horas da noite, ali no Bairro Curro, um animadíssimo velório, na casa de fulano. Aquilo os rapazes iam pra arranjar menininha para namorar, lá serviam, café, cocada e as pessoas iam e gostavam. Naquele tempo tinha cada coisa!

No depoimento descontraído do entrevistado, a narrativa de episódios ocorridos durante sua experiência como locutor de autofalantes, mostra os diferentes usos de um dos meios de comunicação mais simples e mais comuns na década de 1950. Em torno da novidade trazida por este tipo de comunicação a sociedade ia assimilando sua utilidade e aproveitando-a para incorporá-la no seu cotidiano, nos seus hábitos, através de gestos usuais e simples. Desta forma, o uso destes veículos comunicativos incrementava as relações estabelecidas entre as pessoas, forjando contextos novos e diferentes, que modificavam o dia-a-dia da população.

Além das amplificadoras, ainda havia os aparelhos de rádio, adquiridos por algumas famílias de maior poder aquisitivo, pessoas da classe média, donos de bares e restaurantes. Nesta fase, a música era difundida através de rádios e radiolas, os discos eram adquiridos e tocados nestes aparelhos de som. Com a chegada da Rádio Educadora de Parnaíba, a música conseguia chegar a locais mais distantes tornando-se cada vez mais presente. A programação da rádio parnaibana oferecia uma diversidade musical que animava os ouvintes. Na realização dos programas de auditório, a ocupação do espaço da rádio era lotada, o público ouvinte apreciava as apresentações de calouros e de cantores locais. Através de cartas e telefonemas as pessoas ofereciam mensagens e músicas para entes queridos. Com a chegada da Rádio Educadora, as sociabilidades foram modificadas

pela comunicação tornando possível estender-se a mesma, entre pessoas da cidade e também nas demais localidades, que sua freqüência alcançava.



Figura 4 – Aparelho de rádio – 1950
Fonte: Casa Inglesa de Parnaíba

O número de aparelhos ainda era pouco significativo no restante do Piauí, na década de 1940. De acordo com o IBGE (1952, p. 171): “[...] das 179.143 unidades prediais e domiciliárias piauienses de 1940, apenas 878 possuíam rádio”. Em Parnaíba, dado ao poder de compra de muitas famílias havia uma quantidade maior de aparelhos de rádio. Com o passar dos anos e a diminuição do valor de compra, o rádio foi cada vez mais se popularizando, chegando a residências mais humildes e assumindo um papel privilegiado na comunicação de massa. Era um veículo de informações de uso público. Notícias a nível geral e local eram transmitidas, além de ser ainda um instrumento de lazer. A programação radiofônica conseguia aumentar o número de ouvintes, através das radionovelas, dos programas de auditório, onde cantores locais ou mesmo nacionais se apresentavam interpretando canções que encantavam o público ouvinte, inclusive o feminino.

O início da radiodifusão piauiense ocorreu no final da década de 1930, quando se iniciaram as primeiras experiências radiofônicas no Piauí, pelas quais o técnico de rádio Euvaldo de Carvalho e Alcenor Madeira conseguiram fazer em Parnaíba a primeira transmissão de rádio do Estado, fundando amadoramente a radio PRKK, Rádio três Cocos.

Após o processo de legalização, a estação recebeu o nome de Rádio Educadora de Parnaíba, em 1940.

A história do rádio em Parnaíba constitui um objeto de estudo importante para se compreender as mudanças pelas quais a cidade e a sociedade da época estavam passando e de que forma a chegada do rádio – enquanto um poderoso meio de comunicação de massa – pôde gerar impacto no cotidiano dos parnaibanos, a partir dos valores e da própria ideologia que propagava. O papel exercido pela emissora de rádio condicionava outro cenário, no que se refere ao acesso às notícias, ao lazer e a própria educação dos cidadãos, não esquecendo também o caráter industrial imanente a este tipo de veículo.

Antes mesmo da fundação de uma rádio local, a Rádio Educadora, que em seu início recebeu o nome de PRKK Radio Três Cocos, as frequências já eram irradiadas na cidade através de aparelhos de rádio adquiridos por pessoas de maior poder aquisitivo, pelos quais se ouvia diversos gêneros musicais.

O contato com informações, discursos e a própria participação dos ouvintes e de quem fazia o rádio, puderam assim construir em torno desta nova realidade, novas práticas cotidianas, mudanças de ordem familiar no espaço privado das casas. É mediante essa a percepção que se pode verificar a existência de transformações comportamentais neste contexto. Assim...

A programação e a informação midiáticas entram nos lares e se inserem no seio familiar como elementos novos, contribuindo para uma mudança no cotidiano privado e nas relações familiares, pois a informação transmitida pelo rádio se torna pertinente no diálogo entre as pessoas da mesma casa, entre vizinhanças e amigos. A família não é mais constituída pela tríade pai, mãe e filhos, mas também de uma série de personagens criados pelas radionovelas, os quais se inserem no lar como novos parentes, com quem se tem preocupações, cujos problemas comentam-se e compartilham-se, levantando soluções para as cenas dramáticas do capítulo seguinte. (LIMA, 2006, p. 145)

As práticas não só dos ouvintes, mas também dos realizadores das transmissões radiofônicas, sejam eles técnicos, radialistas, apresentadores, cantores produziram uma memória de todas estas vivências, que podem ser reconstruídas historicamente a partir de fontes escritas e de depoimentos capazes de fazer falar muitas destas experiências. A metodologia da História Oral, neste caso constitui ferramenta indispensável à pesquisa histórica como forma de não deixar que se percam no tempo e no esquecimento todo o esplendor deste momento, assim como de todas as alterações culturais oriundas deste período. “A metodologia de história oral é bastante adequada para o estudo da história de memórias, isto é, de representações do passado.” (ALBERTI, 2004, p. 12).

Assim, a construção de uma narrativa histórica sobre a radiodifusão em Parnaíba e seu impacto na cidade depende não somente de um interesse em relação ao passado, ou de indagações que se lancem sobre ele, mas tão somente dos instrumentos necessários para a fabricação da história, sendo estes os métodos e as fontes.

Com uma distância de três décadas a televisão estréia em Parnaíba. A sua chegada ocorreu em 1968 e a primeira transmissão foi realizada durante a gestão do prefeito João Silva Filho (1967-1970), na Praça Piauí localizada no Bairro Pindorama. Um pequeno aparelho de TV foi colocado para a população assistir. Na ocasião muitas pessoas vindas de vários bairros tiveram o primeiro contato com mais uma das novidades proporcionadas pela modernidade. Inicialmente, dado o alto custo, pouquíssimas pessoas tinham acesso à televisão. Somente as famílias da classe alta e da classe média contavam em suas residências com estes aparelhos. Mas, apesar de existência de um número reduzido de televisões, as pessoas assistiam nas casas de vizinho, chegando a surgir o termo *televizinho*. A introdução da TV representou uma inovação à sociedade parnaibana capaz de alterar as práticas cotidianas dos habitantes da cidade. As mudanças ocorreram no próprio âmbito do lazer, já que até então a maioria das pessoas divertiam-se frequentando locais públicos, praças, igrejas, clubes. A partir de agora era no espaço privado que havia a possibilidade de diversão e lazer, assim como de obtenção de notícias e informações que ligavam a cidade à maioria dos eventos que aconteciam no restante do país e do mundo.

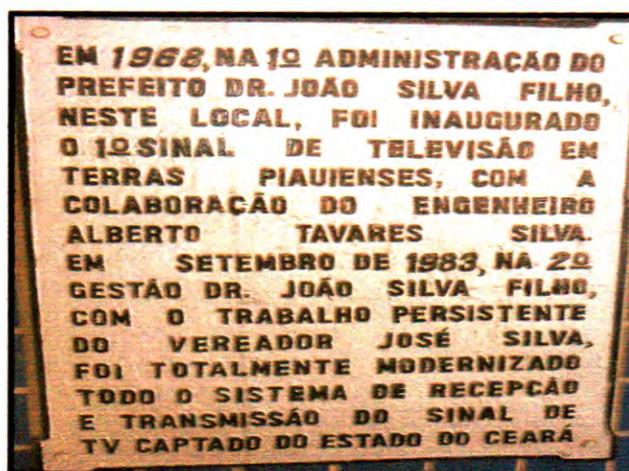


Figura 5 – Placa de Inauguração do sinal de TV em Parnaíba – 1968

A composição da programação televisionada possui características semelhantes a do rádio. Noticiários, jornais, programas de auditório, esportivos, novelas, configuravam a programação, que por sua vez contava agora com a imagem.

Neste contexto de chegada da televisão à cidade, a comunicação já existente passou a dividir sua área de atuação com a novidade introduzida pela TV. Os jornais e o Rádio passaram a coexistir nesta nova realidade. O Rádio, com o tempo foi desbancado como o principal meio de comunicativo, todavia não perdeu a sua importância e passou, a sofrer alterações no seu uso, com o próprio desenvolvimento tecnológico que se operava. A sua capacidade de portabilidade diversificou o seu uso. Em casa, no trabalho e nos transportes o aparelho de rádio poderia ser ouvido, intensificando mais ainda a sua abrangência.

Já a televisão foi se consolidando cada vez mais, assumindo aos poucos o lugar anteriormente ocupado pelo rádio. Em Parnaíba, este processo de consolidação da TV foi tomando corpo ao longo da década de 1970. A Rádio Educadora, por sua vez continuou executando seu trabalho a partir de uma programação voltada para os aspectos locais. O radialismo, neste instante, utilizava como matéria-prima informações sobre a cidade, enquanto que a televisão aproximava mais ainda, os parnaibanos da programação nacional.

O recurso audiovisual alterou as percepções dentro da comunicação de massa. A imagem poder transferir novos gestos, novos hábitos e novos gostos. O movimento e a vida, vistos nas telas da TV, causaram encantamento e puderam produzir outras formas de subjetivação da realidade. A tecnologia que conseguiu aproximar o olhar das pessoas a uma imagem cheia de vida e de movimento – contraditoriamente congelados pela captura de uma câmera – provocava um impacto com a idéia de modernidade, de progresso e diminuição do planeta.

A década de 1970 em Parnaíba constitui um período de muitas mudanças no cenário político, econômico e cultural. Cada uma destas áreas refletia as implicações dos acontecimentos a nível nacional. Na economia brasileira vivia-se a fase do chamado “Milagre Econômico”, período de intensificação da ligação entre o Brasil e o capital estrangeiro, para obtenção de empréstimos tendo como principal objetivo o projeto de desenvolvimento dos transportes, das fontes de energia e das telecomunicações. Durante este momento o Piauí também recebeu injeções de verbas para a construção de estradas, do porto de Luis Correia para o escoamento de mercadorias, entre outras coisas. Porém, o projeto do Porto de Luis Correia apesar de ter ao longo da trajetória da economia piauiense motivado autoridades políticas a levantarem a bandeira em defesa de sua construção, tal ensejo nunca foi efetivado, por uma série de motivos que no momento não interessa aprofundá-los.

Neste contexto Parnaíba vivia um momento de relativo declínio econômico tendo em vista a redução do número de indústrias e do enfraquecimento do comércio, que por sua vez representava a principal atividade econômica. Politicamente, a cidade tinha recebido alguns benefícios num contexto de repasse de verbas para construção de obras. Todavia, a preocupação que orienta este trabalho é buscar conhecer as transformações de caráter cultural decorrentes da chegada da televisão em Parnaíba, uma novidade tecnológica que representava mais um dos elementos da vida urbana e moderna, dotada de um poder de alteração de hábitos e práticas, criando também a contradição entre o “velho” e o “novo”.

O consumo musical foi outro aspecto a ser explorado através dos meios de comunicação de massa. E é sobre este tipo de consumo que esta investigação estará voltada. Como uma mercadoria amplamente absorvida pela sociedade brasileira, a música foi essencial álibe para a comunicação, funcionando também na construção da identidade nacional.

A produção da música popular no Brasil resultou em grande medida das mudanças ocasionadas pelo crescimento urbano, no início do século XX. No decorrer do mesmo século o segmento músico-comercial foi sendo cada vez mais explorado, não só em aspectos industriais, mas também naquilo que sonoramente poderia ser ouvido e atribuído à cultura brasileira. A música, neste caso, também operou na construção de símbolos que identificam a cultura brasileira, por mais heterogênea que ela possa ser.

Observando o trajeto percorrido pela história da música no Brasil, verifica-se o surgimento a fabricação e a consagração de muitos gêneros musicais por todo o país, entretanto nem todas estas categorias distribuíram-se e consagraram-se no mercado da música. Na história da música brasileira os estilos mais enfatizados foram o Samba, o samba-canção, a denominada MPB, a Tropicália e o *Rock'n'Roll* como sendo os grandes referenciais que mais se difundiram no país pelas mídias do rádio, da TV e do mercado de discos. E sobre a difusão da música em Parnaíba e o seu consumo, este trabalho também estará voltado, na tentativa de compreender a ocorrência deste processo, averiguando os meios, os usos e as influências musicais em Parnaíba.

3. O CONSUMO DA MÚSICA PELOS PARNAIBANOS: entre letras, imagens e sons.

A divulgação da música em Parnaíba ocorria amplamente, durante a década de 1940, através de amplificadoras de som, do rádio, da venda de discos e da televisão, que chegou por último no ano de 1968. A variedade musical difundida pelo Brasil representada pelo samba, pelo samba-canção, pelos boleros, fox, o fox-trote, valsas, rumbas, músicas de carnaval, frevos e marchinhas espalhou-se na cidade, preenchendo as casas, as ruas, as festividades nas ruas, nos clubes e nos estabelecimentos particulares. Com poesia, ritmo e sentimento a música pôde embalar grandes momentos na vida de quem viveu Parnaíba e as suas transformações culturais, em virtude de sua modernidade oriunda do advento econômico-urbano desse contexto.

A história de Parnaíba, presente em registros escritos, imagéticos e sonoros, demonstra como a música foi um elemento fundamental para as manifestações sócio-culturais praticadas no cotidiano e nos momentos de lazer do povo parnaibano, ao longo de sua experiência histórica. Foi com a contribuição da música que muitos momentos tornaram-se marcantes para as festas na cidade. A relevância das festividades também se devia pela qualidade musical tocada nos eventos. O apogeu econômico e as mudanças na cidade na década de 1940, também estiveram refletidos nas elegantes comemorações e nas demais festas populares regadas a muita música, com o tradicional baile de debutantes do Cassino 24 de julho.

24 de Janeiro



Figura 6 – Baile de debutantes realizado no Cassino 24 de Janeiro – 1940
Fonte: Acervo do Instituto Histórico Geográfico e Genealógico de Parnaíba

A imagem anteriormente apresentada demonstra todo o requinte presente nos bailes freqüentados pela elite econômica e política de Parnaíba, principalmente em festas tradicionais do calendário festivo da elite. A formalidade na postura e nos trajes demonstra a moda aderida na época. A música dava o tom e a atmosfera que transformava aquele instante num momento único, mas não foi somente entre a elite parnaibana que música estava presente. Em todas as partes da cidade, nos seus subúrbios, nas alvoradas², nos cabarés, a música era intensamente consumida. Os blocos de carnaval representavam uma das manifestações onde a música estourava e invadia as avenidas e ruas de Parnaíba. Através das bandas de músicas da cidade e de outros lugares, a animação estava garantida nos eventos da cidade.



Figura 7 – Bloco de Carnaval dos Piratas do Ritmo – 1950
Fonte: Acervo Pessoal de Francisco Lopes Ferreira

Parnaíba foi uma “fábrica” de músicos, que tiveram um papel importantíssimo na promoção do lazer. Na década de 1950, a cidade contava com apreciados trabalhos de músicos, que adotavam no seu repertório os estilos musicais em voga nas grandes rádios do país, como forma de promover uma animação de qualidade em suas apresentações. A banda “Os Piratas do Ritmo”, criada por Anastácio Magalhães, em 1940, foi a maior referência musical parnaibana até 1970. As apresentações eram realizadas em requintados clubes da cidade – Cassino 24 de Janeiro, AABB, Ferroviário, Fluminense, Igara Clube, já em 1960 – assim como nas festas de carnaval.

² Homenagens destinadas aos aniversariantes, ou a enamoradas, onde se dedicavam mensagens e músicas ao amanhecer.

O trabalho dos Piratas não ficou restrito as apresentações em Parnaíba. Muitos shows foram realizados em outras cidades do Piauí e do Maranhão. A fotografia a seguir mostra a primeira viagem para o município de Brejo – MA, em 1965. Atualmente, dois dos integrantes do conjunto musical estão vivos, residentes em Parnaíba, o ex-vocalista Francisco Lopes Ferreira e o saxofonista Domingos Cunha.



Figura 7 – Piratas do Ritmo – 1965
Fonte: Arquivo Pessoal de Francisco Lopes Ferreira

A música estava presente em diversos lugares, nos bailes realizados nos clubes da cidade, fossem eles freqüentados pela elite ou pelas classes mais humildes. Nos bairros, nos bares requintados, de subúrbio e nas residências, as festinhas eram animadas ao som de discos que tocavam nas radiolas.



Figura 8: Comercial do Bar Pimpão
Fonte: Almanaque da Parnaíba – 1941

Outra grande fonte de propagação da música na cidade foi a Rádio Educadora. A programação da transmissora parnaibana de 1940 e 1950, apresentava um repertório, que privilegiava o samba, o bolero, a valsa, o baião, dentre outros gêneros. A escolha das músicas estava afinada em certa medida com as tendências em voga no sudeste do país. O abastecimento discográfico, na década de 1950, era realizado via aérea, num período em que Parnaíba, vivia de forma mais expressiva, das atividades comerciais. As exportações neste período, já não eram tão intensas. O que mais sustentava a economia da cidade era o comércio.

A rádio recebia patrocínio de comerciantes, que divulgavam suas lojas e seus produtos nas propagandas. A Casa Marc Jacob S/A, a Loja Rosemary, Leão e os empreendimentos Moraes S/A, eram alguns dos divulgadores de produtos e serviços, na Educadora de Parnaíba Neste sentido, a comunicação dependia do próprio fluxo econômico para se sustentar, durante esta época, assim como do apoio do poder público, particularmente da prefeitura municipal.

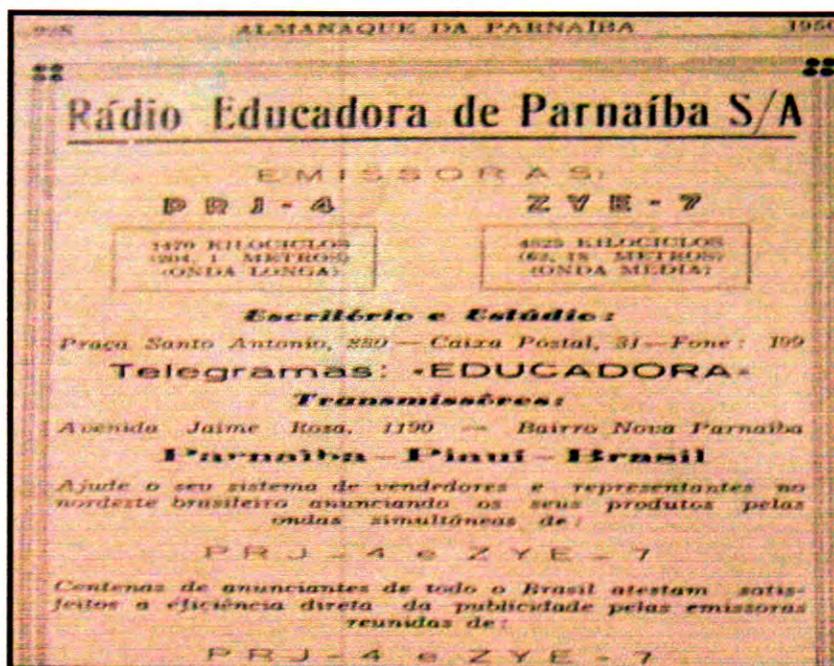


Figura 9 – Almanaque da Parnaíba – 1950
Fonte: Acervo da Biblioteca do Convento da Igreja São Sebastião

A discografia oferecida pela programação radialística era tocada diariamente em horários específicos. Durante as manhãs, os gêneros mais regionais se faziam presentes, neste caso o baião, figurava um gênero de muita aceitação por parte do público ouvinte, além da realização de programas de auditório, que eram ouvidos no Brasil e na Europa.

Cantores parnaibanos se apresentavam e prendiam a atenção do público ouvinte nos programas de auditório da Rádio Educadora de Parnaíba. A emissora incentivava os artistas locais a exporem seus talentos. Maria Irmã, cantora e apresentadora de programas radialísticos, foi uma cantoras que mais celebrou-se na interpretação cancional de grandes nomes da música brasileira na época em Parnaíba. Além da cantora, outro grande intérprete musical parnaibano foi Francisco Lopes Ferreira, da família Eliziario. Suas apresentações no rádio eram muito apreciadas pelos ouvintes, devido a sua grande voz e afinação. Assim, a chegada da Rádio proporcionou a Parnaíba uma dinâmica artístico-musical muito semelhante às das grandes rádios existentes no restante do país. E, neste contexto a musicalidade tornou-se cada vez mais presente na vida social.



Figura 10 – Maria Irma apresentando-se no estúdio da Rádio Educadora - 1951
Fonte: Arquivo Pessoal de Francisco Lopes Ferreira

Apesar da adesão de gêneros que vinham da região sudeste do país, a rádio em Parnaíba também contemplava os aspectos da cultura local. O calendário era um fator que influenciava na programação da rádio. Datas como o Dia de Finados, o Carnaval, Ano Novo, Festas Juninas, Natal, eram anunciadas com fundos musicais correspondentes. Assim a transmissão de rádio promovia um entrosamento entre a cultura local e a de massa, representando como ocorre este processo de difusão cultural, em via de mão dupla, na medida em que as pessoas que faziam o rádio estavam atravessadas pelas suas próprias experiências culturais.

A música tocada em Parnaíba no final dos anos 1950 e nos anos 1960 nos faz

identificar, o grau de inserção da cidade nas variadas tendências da musicalidade brasileira. A Banda “Os Piratas do Ritmo”, por exemplo, de acordo com o depoimento de Francisco Lopes Ferreira (12.07.2010), ex-cantor do conjunto musical não fazia distinção entre gêneros a serem tocados.

Ah! Nós tocávamos tudo, hei! hei! Hei!. Todo ritmo! Todo ritmo! O bolero samba, rumba, não tinha distinção, tocava tudo, tudo. Ali aparecia um conjunto aqui e outro ali, que vinha de São Luiz, de Fortaleza, vinha de Pernambuco, que chegava e montava e deixava uma pontinha pra nós, aí nós pegávamos e fazíamos do nosso jeito. Era muito bom, muito bom mesmo.

Através da fala do entrevistado a adesão de um repertório musical variado e influenciado por tendências externas pode ser confirmada. E, neste caso a predominância musical foi a do samba-canção, do samba romântico e das marchas carnavalescas, características da chamada fase de Ouro da Música Brasileira. Todavia, já a partir dos anos 1960, a inclusão de novos gêneros musicais foi processada, com a influência do rock que chegou a Parnaíba através das canções da “Jovem Guarda”. Neste movimento, foi a ala mais jovem da sociedade parnaibana, que aderiu a esta tendência musical. Tudo isto pode ser constatado a partir das iniciativas de uma parcela da juventude parnaibana na formação de conjuntos musicais inspirados em bandas como “Os Incríveis” e *The Clevers*.

A fase da Jovem Guarda em Parnaíba, de acordo com Paulo Vinícius Madeira Basto (1996), em artigo intitulado “A música em Parnaíba”³, a influência da Jovem Guarda manifestou-se a partir da formação de conjuntos musicais por jovens de Parnaíba: “O primeiro deles surgiu de certa forma muito tímida através das alunas do Colégio Nossa Senhora das Graças, formado pela Valéria Carvalho, [...], na guitarra-solo; Naitinha, na gaita; Teresinha Aragão, no pandeiro e Belnice, na bateria”. (BASTO, 1996, p. 183-184). Além desta banda, surgida em 1965, outras se formaram: “Os Bárbaros”, “Os Atômicos”, “Os Apaches” e “Os Grilos”. Estes conjuntos expressaram a ebulição da música jovem que explodia no restante do país e chegava a Parnaíba.

Assim compreende-se que a diversidade musical foi constante em Parnaíba nos anos 1940 e 1950, passando ainda por uma nova fase com a chegada da televisão em (1968). Houve um impulso no cenário musical da cidade, à medida que se ofereceu possibilidades sonoras aos ouvidos parnaibanos, ampliando o campo de difusão da música e acelerando seu consumo. A partir desta fase as trilhas sonoras das novelas e dos

³ Pequeno artigo publicado no Almanaque da Parnaíba, nº 63, 1996. O texto versa sobre as experiências musicais na cidade, comentando sobre a formação de conjuntos musicais na década de 1960, sob a influência da Jovem Guarda

programas de música tornaram-se canais desta propagação. O “repasso” musical também ocorria pelo mercado discográfico presente na cidade. Alguns estabelecimentos em Parnaíba investiram neste ramo, são exemplos deles a Discolândia, a Discoteca Esperança e a Parnadiscos, que durante muito tempo atuaram neste segmento.

A diversificada produção musical - nos anos de 1960 - não só repassava novas tendências, como também lançava moda entre o público jovem. O vestuário de artistas da Jovem Guarda massificou-se, sendo copiado por jovens do país inteiro, especialmente das grandes cidades.

As novelas também tiveram um papel muito importante neste processo. Já a partir de 1970, personagens que na ficção, eram embaladas pelos gêneros *pop's*, influenciavam o comportamento jovem. Um exemplo disto foi à telenovela *Dancing Days* exibida entre julho de 1978 e janeiro de 1979. As discotecas popularizaram-se e a moda do uso de botas, meias coloridas e das calças justas, passaram a compor peças de roupa, dos armários femininos.

A música chegava rapidamente através da televisão e atingia os diversos segmentos da sociedade parnaibana. Muitas discotecas foram inauguradas no final da década de 1970, em Parnaíba, como afirma Bernardo Silva em entrevista concedida (03.06.2010):

A nossa discoteca aqui, era uma discoteca de primeira linha, de ponta mesmo, era uma coisa super moderna, tinha em vários lugares, as de elite ali pela Beira Rio, a primeira foi uma discoteca fantástica, *Pioner*, pioneira, né! E daí vieram outras, mas todas duraram pouco tempo, depois da novela *Dancing Days*. Foi uma coisa momentânea, uma febre, como foi a lambada, e Parnaíba, não ficava de fora.

Na fala do entrevistado aparece outro aspecto marcante na programação transmitida pela TV. Trata-se da rapidez com que as coisas chegam e desaparecem. Num curtíssimo prazo de tempo, pessoas aderiram e passam a consumir o que era lançado pela mídia. Logo depois as mesmas coisas vão perdendo sentido para dar lugar a outras: fosse música, vestuário ou as gírias. A influência midiática, apesar de ter um forte poder de adesão por parte dos consumidores, precisa, constantemente propor coisas novas para preencher o vazio, deixado por aquilo que já não desperta mais o interesse do público.

O trecho a seguir, publicado no Jornal Inovação, também por Bernardo Silva (dezembro, 1978, p. 9), expressa o impacto da chegada do novo estilo, denominado de Discotecas, sobre a juventude parnaibana. A música era um dos temas que estavam

presentes nos diálogos de quem vivia naquela época. As diferentes preferências percebidas no texto evidenciam aspectos da recepção musical em Parnaíba:

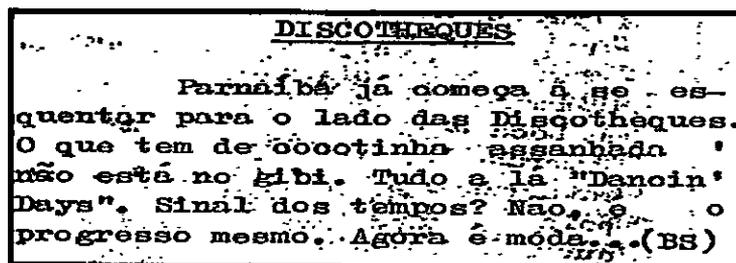


Figura 3 – Jornal Inovação 1978
 Fonte: Arquivo Pessoal de Francisco José Ribeiro

As manifestações na cidade, da adesão juvenil aos ritmos veiculados pela cultura de massa, fortemente repassados pelo rádio e pela TV, geravam discussões e posicionamentos diferenciados. As diferentes opiniões, por sua vez manifestavam-se frente à diversidade existente na composição dos gostos da juventude.

Parnaíba experimentou heterogeneamente a música popular brasileira. A programação radialística contemplava músicas tanto para o público adulto como para o jovem. A Jovem Guarda, os grandes nomes do Samba, como Ataulfo Alves, Adoniran Barbosa, Cartola; Os boleros cantados por intérpretes como Elizeth Cardozo, Dalva de Oliveira, Maysa; e especialmente o baião de Luiz Gonzaga; e as músicas românticas interpretadas pelas cantoras Maria Bethânia, Gal Costa, Simone, Joana, Alcione, entre outras.

A divulgação de gêneros musicais em Parnaíba ocorreu amplamente de uma maneira bastante diversificada. A promoção destes diversos estilos musicais interferiu no cotidiano e nas práticas, provocando mudanças nas formas de realização do lazer na cidade, na incorporação de novos repertórios no rádio, nos bares e nas bandas de música. Tudo isto pôde ser verificado na realização das festas freqüentadas pela população, no comentário de jornalistas, no depoimento de pessoas que viveram no período, em todos os lugares que a música pudesse estar.

3.1 As referências musicais brasileiras em Parnaíba: entre a recepção, a assimilação e a produção musical

Os sons veiculados pela indústria musical no Brasil produziam efeitos sobre os ouvintes. Os ouvidos receberam novos estilos e as mentes verificaram, de acordo com os seus lugares e suas condições sociais, culturais, políticas e intelectuais, características passíveis ou não de serem absorvidas e julgadas. O ato de consumir, de acordo com o pensamento de Certeau, não é de todo passivo e reprodutor, possuindo ele suas astúcias e maneiras próprias de fazer as coisas a partir de contextos particulares:

Na realidade, diante de uma produção racionalizada, expansionista, centralizada, espetacular e barulhenta, posta-se uma produção de tipo totalmente diverso, qualificada como “consumo”, que tem como característica suas astúcias, seu esfarelamento em conformidade com suas opiniões, suas “piratarías”, sua clandestinidade, seu murmúrio incansável, em suma, uma invisibilidade, pois ela quase não se faz notar por produtos próprios (onde teria o seu lugar?), mas por uma arte de utilizar aqueles que lhe são impostos. (CERTEAU, 2009, p.88-89)

Ao refletir sobre o consumo musical – amparado no pensamento de Michel de Certeau (2009) – e o panorama da música brasileira no século XX, que mostra como principais referências o Samba, a Bossa Nova, a MPB⁴, a Tropicália e a Jovem Guarda uma pergunta se levanta neste trabalho sobre as formas de recepção, assimilação e produção de tais gêneros. Observando os tempos e os espaços por onde a música era difundida e o relacionamento dos parnaibanos com a mesma, leva-nos ao reconhecimento de que a cidade era permeada por música e seus ouvintes, possuíam uma escuta capaz de realizar processos de assimilação, exclusão e de produção musical. Estavam inseridos no cenário da comunicação de massa, mas também eram portadores de suas particularidades culturais. Parnaibanos manifestaram sintomas de consumo musical tanto alienado quanto crítico.

Observando a Era do Rádio em Parnaíba, em 1940 e 1950 e as experiências sonoras propagadas durante esta fase verifica-se não só a presença do Samba, como também de outros estilos musicais já mencionados no início do trabalho. A recepção e o gosto pelo Samba em suas diversas modalidades – samba-canção, samba carnavalesco,

⁴ Gênero musical da década de 1960 representante da música engajada. Teve como principais representantes Geraldo Vandré e Elis Regina. Viam nas suas criações musicais uma estratégia de protestar contra o Regime Militar instaurado no país desde 1964.

samba-samba – foram muito absorvidos na cidade. No programas de rádio e nas apresentações realizadas no auditório da Rádio Educadora se detecta esta presença.



Figura 11 – Apresentação do cantor Francisco Eliziario e Raimundo Eliziario no auditório da Rádio Educadora – 1950

Fonte: Arquivo Pessoal de Francisco Lopes Ferreira

A Jovem Guarda muito difundida pelo rádio e pela televisão conseguiu entre os parnaibanos, especialmente os mais jovens, uma grande adesão manifestada pelos ecos da rádio, pela compra de discos e pela formação de conjuntos musicais que tocavam o estilo do Iê, iê, iê, como os já citados “Os Bárbaros”, “Os Atômicos” e “Os Apaches”.

As referencias musicais de 1960, por sua vez representadas pelo surgimento da Bossa Nova, da MPB e da Tropicália praticamente não ocuparam espaço na grade da programação musical parnaibana. Tais gêneros musicais, canções de protesto - oriundas de contextos ligados à realidade cultural e política de espaços onde foram produzidos, basicamente São Paulo e Rio de Janeiro – Não eram lidas a mesma forma que nestes locais que, geralmente sentiam a repressão e o forte controle sobre o material artístico. Assim, apesar destes estilos musicais terem sido consagrados na história da música brasileira, sua difusão não chegou a se espalhar em Parnaíba no seu período de maior ambiência. E, isto não ocorreu por desligamento da cidade do contexto nacional, mas pelas operações

realizadas nas programações do rádio e da TV, no sentido de “frear” iniciativas de politização e protesto.

No final de 1970, puderam-se detectar registros da escuta de canções tropicalistas e bossa novistas, em Parnaíba. A figura a seguir extraída do Jornal Inovação (janeiro, 1978, p. 10) comprova de certa maneira a presença do contato e do interesse pelo gênero mencionado.

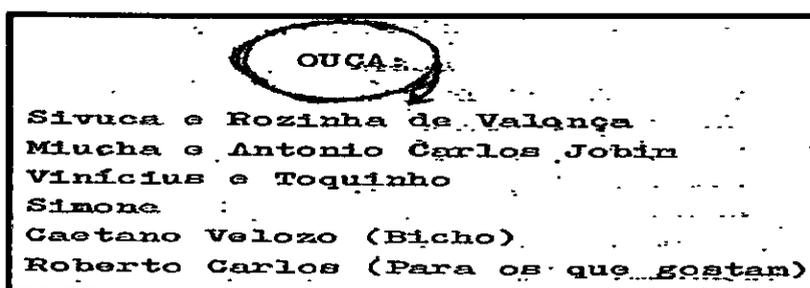


Figura 12 – Jornal Inovação 1978
Fonte: Arquivo Pessoal de Francisco José Ribeiro

O consumo destas canções era restrito. A juventude ouvinte de Caetano, Gil e Vinícius, e não exclusivamente deles, estava entre estudantes secundaristas e universitários. Pessoas da classe média e média baixa que tinham mais acesso à leitura e viagens e por isto podiam consumir tais gêneros. De acordo com o depoimento de um dos colaboradores do Jornal Inovação, o jornalista Bernardo Silva (03.06.2010), o consumo das músicas de Chico Buarque, Caetano, da MPB acontecia de forma restrita:

Era uma geração mais amadurecida, assim mais cabeça feita. Era uma turma mesmo que..., era na verdade quem lia! Não era muita gente não, né! Naquele tempo tinha até gente aqui que, a gente até comentava, as vezes que, “neguim” pegava um disco do Milton Nascimento botava debaixo do braço pra dizer que era intelectual. Foi a época, que o lá no Rio, o Vinícius de Moraes, aquela turma de Tom Jobim, aquela galera toda ia pra praia tomar cachaça e a cachaça passou a ser símbolo de intelectuais. Quem bebe cachaça é intelectual. E muita gente passou a beber cachaça, pra pegar essa coisa do intelectual. Então pouca gente consumia de fato, muita gente dizia que era e não consumia aquilo. Eu não conheço, ..., e essa turma que tava envolvido nos movimentos sociais. Era pessoal de faculdade mesmo e muita gente isoladamente, quem realmente aparecia, que a gente sabia que consumia era o pessoal que estava agregado a algum movimento social, porque não existia consumo aqui, vendagem de música popular brasileira nas discotecas, não. Muito pouca coisa. O que havia mais era o pessoal que morava pra fora e quando vinha trazia e ficava emprestando um pros outros e curtindo junto mesmo. Era um público restrito.

O depoimento acima expressa não apenas a ambiência do consumo da MPB pela juventude parnaibana como também informa uma opinião sobre a forma como eram usados o gênero “mpbista” na construção identitária juvenil. O consumo – mesmo que não ocorresse de forma consciente e profunda, no que se refere à leitura, a compreensão e ao domínio da mensagem repassada pelas músicas – assumia, por parte de seus usuários, um sentido, por aquilo que o gênero poderia lhe emprestar identitariamente. Em outras palavras, a escuta de bossas, do Clube da Esquina e da Tropicália, mesmo que alheia aos seus conteúdos ideológicos, serviam para a criação de uma imagem de si, para si e para os outros.

A música para a juventude na década de 1970 foi uma das formas de expressão mais férteis. Todavia, a expressividade juvenil estava manifestada não somente na música, mas no comportamento, no vestuário, nos locais frequentados, nos objetos consumidos, nos discos comprados, etc. Todas estas transformações afetavam de alguma forma quem as assistia. A sociedade parnaibana não escapou a este espetáculo. E a presença de tais vivências, ficou na memória de pessoas que viveram na época. No depoimento do entrevistado Jaime Lins (15.05.2010), radialista parnaibano, ex-apresentador de programas radialísticos na Rádio Educadora de Parnaíba, é possível verificar a leitura destas transformações:

[...] mas, naquela época o que se via, que se achava mais forte contra a família, a aberração, era a facilidade, por exemplo, de um rapaz tirar de um seio da família, uma jovem e veja bem, não era aquilo que a gente chama-se de pessoa sem preparação não, eram pessoas que tinham níveis culturais, um nível bem elevado. Um jovem universitário, dali ele fazia a cabeça de uma universitária e saía os dois no mundo e ali aquilo – que hoje tá moderno, é o namoro, já é se juntar e constituir família, se um dia achar que deve se casar se casa, se não sai um pro lado e outro pra outro – o hippie já fazia isso dentro desse contexto, então juntava os dois e ficavam o nome, e dormiam na rua, e ali constituíam família continuavam morando na rua, quer dizer uma vida de louco, uma vida de cão que até hoje eu não entendi que vantagem se leva num negócio desse, eu nunca entendi. Não é? É vida de maluco! ... O mais forte disso aí foi o final de setenta pra oitenta.

O depoimento acima demonstra referências culturais de uma época e que informam padrões comportamentais da mesma. Na fala do entrevistado é possível perceber o impacto das novas tendências que chegavam à cidade e geravam certa confusão e crise nos valores de uma sociedade “conservadora”.

A produção musical em Parnaíba constitui um dado que aponta para mais uma das faces do processo de recepção, assimilação de consumo da música. Os registros de

composição musical na cidade dão a ver uma elaboração musical que recebeu influências de gêneros musicais propagados a nível nacional, assim como de experiências sociais e particularidades culturais da terra e do Estado.

Na década de 1940, encontramos o registro de uma composição parnaibana realizada por José Bispo, militar e músico. A música nasceu de uma desfeita que o mesmo recebeu. Ao convidar um rico empresário da cidade, chamado Paulo Afonso, dono de um posto de combustível teve seu pedido negado. Como forma e expressar seu desapontamento, José Bispo compôs a canção “Milionário”:

MILIONÁRIO

Letra/Música: José Bispo

O teu Deus é o meu milionário
 Teu ouro não te leva ao céu
 Não me humilhes junto aos teus amigos
 Veja o que faz milionário
 Eu sou pobre mas, sou um artista
 Teu Deus é o meu milionário
 Foi um pobre também
 O mártir do calvário

Hoje eu sofro, amanhã sou feliz
 Teu Deus é o meu milionário
 Não me humilhes demais
 Vejas bem o que faz
 Milionário teu Deus é o meu
 E de todos também
 Não humilhas ninguém
 E com o ouro que tens
 Procuras fazer o bem
 Pois eu já fui teu amigo
 Por ti minha vida eu dava
 Tu um humilhaste junto aos teus
 Amigos do ouro também
 Mas mesmo assim milionário
 Eu te perdôo porque
 Tu és matéria como os mendigos também

A música de José Bispo informa sobre as relações sociais existentes em Parnaíba na década de 1940. A temática da canção expõe as diferenças entre as classes sociais, num período em que na maioria dos registros escritos e fotográficos a cidade é representada numa fase de pleno desenvolvimento econômico. A música, neste caso, contribui por acrescentar mais ainda às informações históricas da cidade.

Outra composição musical realizada no seio de Parnaíba na década de 1950 foi a de João de Deus, chamada “Lenda Piauiense”. Músico, carnavalesco e pintor, nascido no Maranhão, João de Deus, passou grande parte de sua vida em Parnaíba. Um dos registros

de seu trabalho na cidade foi a composição da música que fala sobre a Lenda do “Cabeça de Cuia”.

LENDA PIAUIENSE

Letra/Música: João de Deus

Pescador
Que anda pescando
Pelo Rio Parnaíba
Na noite que vai pescar
Não esqueça de rezar
Quando for de rio arriba

Numa noite Malaquias
Ao voltar da pescaria
Ouviu uma voz tristonha
Esquisita Vaz medonha
Que da terra lhe dizia

- Ô irmão, você vai à Parnaíba?
- Eu vou
- Você me dá uma passagem?
- Eu dou.
- Pois então encoste aqui...

Quando o corpo pesado caiu no rio
Malaquias sentiu calafrio

Rema, rema, rema, rema...remador

Esse rio é pavoroso
Tem mania de assombrar
Olhe o cabeça de cuia
Que morreu sem se salvar...

A letra do compositor João de Deus expressa elementos do folclore e da geografia piauiense. A lenda do “Cabeça de Cuia” e o Rio Parnaíba foram matérias-primas para a produção musical. A música teve como ritmo o bolero e um mescla do baião na parte da letra que expressa a agonia do viajante na fuga do lendário “Cabeça de Cuia”. Assim depreende-se a soma resultante da influencia musical vinda de fora e da cultura local para a composição da música parnaibana.

A composição musical parnaibana também se operou na década de 1970, manifestando-se ainda na realização de festivais de música, no final de 1970 e no início de 1980. Artistas da terra realizaram apresentações musicais, organizadas pela Associação dos Estudantes de Parnaíba – ACEP, por estudantes universitários e secundaristas.

Destaco neste trabalho, não por motivo de exclusão dos demais compositores, mas pelo acesso tido a obra musical do professor Israel Correia, que não só compunha, como também participava de festivais de música realizados na cidade. Duas de suas composições concorreram nos festivais, as canções “Medo” (1975), em 1980 e Porto Salgado(1982), no I Festival Universitário Livre, em 1982, que lhe fez tirar o primeiro lugar.

MEDO

Letra/Música: Israel Correia

Não que eu te queira inquietar,
Meu amigo,
Mas nós temos MEDO
De soltar a voz,
De acordarmos cedo.

Se foges à regra
A terapia é de choque
Ao mar com o rebocador
Na terra do reboque
E o medo, Alfredo?
E o medo Alfredo?
Vem no fone, na carta, na pena,
Na veia
É medo demais!

Existem senhores da gleba São donos de tudo
Destroem, poluem, copulam
E nos querem mudos
Haja peia mental
Haja peia mental
Haja peia mental

A canção “Medo” do compositor parnaibano, explora a temática da falta de liberdade de pensamento e de ação. O temor de manifestação aparece na letra demonstrando aspectos presentes no contexto político-histórico da década de 1970, onde no Brasil predominava o Regime Militar(1964-1985). Feita em 1975 a música de Israel Correia foi composta quando iniciava-se a fase de abertura política do regime. A questão do medo e da coação – executada pelos aparelhos repressores do Estado diante de comportamentos considerados subversivos – aparecem na temática musical, percebendo-se o atravessamento da dramática situação civil na criação cancional.

A música “Medo” concorreu ao IV Festival de Férias da Música Popular Parnaibana, realizado na cidade em 1980, alcançando o 2º lugar no festival.

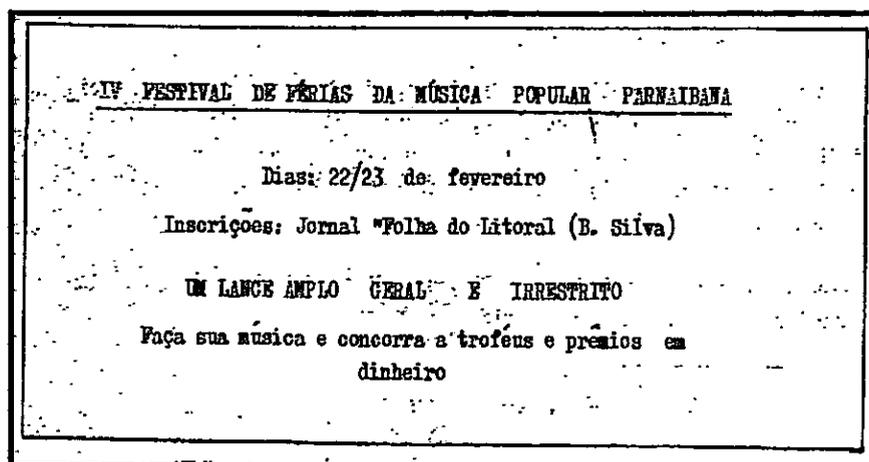


Figura 6 – Jornal Inovação (1980, p. 9)
Fonte: Arquivo Pessoal de Francisco José Ribeiro

Assim, a recepção musical em Parnaíba ampliou-se a partir do contato entre os parnaibanos e as mídias do rádio, da tv e do mercado discográfico, produzindo entre os mesmos a recepção de vários estilos, sua assimilação e sua influência na produção musical da cidade. Os sons invadiram as casas, as ruas e os espaços de sociabilidade promovendo nos seus receptores processos de adesão e exclusão facilmente reconhecidos em suas práticas cotidianas, nos depoimentos, nas produções escritas, como por exemplo o Jornal Inovação. E, neste contexto, verifica-se a apreciação musical em Parnaíba como uma atitude capaz de informar sobre as instâncias histórico-culturais de uma época manifestadas nas ações e reações dos parnaibanos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A instalação do rádio e da televisão promoveram, em Parnaíba a difusão e o consumo da música de maneira ampla. Este processo, por sua vez, manteve estreitas ligações com impacto ocasionado pelas mudanças que se operaram no decorrer do século XX.

O acesso aos aprimoramentos tecnológicos mobilizados com o intuito de promover uma difusão e um entrosamento cultural entre os parnaibanos direcionaram mudanças, que foram capazes de instaurar entre os mesmos a disseminação de práticas diferenciadas, que se evidenciaram na alteração dos costumes da cidade. E, neste sentido, foi com a chegada da comunicação de massa, representada especialmente pelo rádio e pela televisão, que estas transformações se processaram numa sociedade que presenciava um cenário diversificado pelas novidades introduzidas por tudo que o desenvolvimento econômico e urbano ofereceram entre 1940 e 1970.

O rádio, no final da ~~década~~ década de 1930, e a televisão, no final de 1960, providenciaram, em Parnaíba, uma ampliação da divulgação cultural e musical propagada pelo restante do País. A sociedade parnaibana demonstrou sintomas desta difusão quando mudanças de ordem cultural se processaram sendo reconhecidas nas alterações de hábitos e comportamentos. Entre adultos e jovens, homens e mulheres os padrões de comportamento foram afetados e abalados pelas indicações culturais injetadas pelas mídias no cotidiano da população.

O consumo de produtos culturais representados pelas (radio)novelas, programas de auditório radialísticos e televisivos, e pelas músicas compuseram o lazer e a diversão na cidade, assim como influenciaram em grande medida nas formas de agir, pensar, vestir, dançar e cantar dos indivíduos. Mais do que isto, a cultura midiática veiculada pelo rádio e pela televisão permitiu o estabelecimento de um diálogo contínuo em torno dela por parte de seus consumidores. Sendo assim, as novelas, as músicas e as modas além de incorporadas também foram discutidas, refletidas e avaliadas.

A música neste cenário de mudanças e novidades de estilos teve um papel fundamental. Sendo levada a espaços públicos e privados, ela foi indispensável, garantindo diversão e lazer, levantando posicionamentos e discussões acerca dela e incentivando a organização de experiências musicais refletidas na formação de bandas e na criação musical.

A juventude parnaibana entre 1940-1970 recebeu diversos gêneros musicais com os quais vivenciou suas experiências diferenciadamente, sendo marcada em cada um destes períodos pelas influências transmitidas pelo rádio e pela televisão.

A criação musical na cidade se fez presente mostrando o envolvimento dos músicos de Parnaíba com os estilos vindos de fora. As músicas denunciam as influências sofridas, assim como contemplam a cultura local.

Assim, a difusão da variedade musical brasileira chegou à Parnaíba através do rádio e da TV provocando entre seus receptores um consumo amplo e diferenciado. Por sua vez, expressivo da constatação de que houve diferentes usos em torno da música. Sendo assim, a idéia de que apesar de existirem conteúdos próprios característicos dos gêneros musicais, coaduna-se com a noção de que na outra ponta, os consumidores de música se relacionaram com a mesma atravessados também por sua cultura local.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBIN, Ricardo Cravo. O livro de ouro da MPB. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

ALMANAQUE DA PARNAÍBA. Parnaíba: 1940.

ALMANAQUE DA PARNAÍBA. Parnaíba: 1941.

ALMANAQUE DA PARNAÍBA. Parnaíba: 1946.

ALMANAQUE DA PARNAÍBA. Parnaíba: 1970.

BERMAN, Mashall. Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade. São Paulo: Cia de Letras, 1986.

CERTEU, Michel de. A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer. 16 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

FERREIRA, Francisco Lopes. Entrevista concedida a pesquisadora Luciane Moreira Andrade de Lima em 12 de Julho de 2010.

Jornal Inovação. Parnaíba, Janeiro de 1978.

Jornal Inovação. Parnaíba, Março de 1980.

VIEIRA, Lêda Rodrigues. Parnaíba nos trilhos da ferrovia, 1900-1930. IN: Anais Congresso Internacional de História e Patrimônio Cultural: memória, ensino e bens culturais, Teresina, 2008.

LIMA, Elys Regina de Oliveira. Impactos da modernidade: Parnaíba no início do século XX. In.: NASCIMENTO, Francisco de Assis de Sousa, et al (org.). Fragmentos históricos. – experiências de pesquisa no Piauí. Piauí: Parnaíba: Sieart, 2005.

LOPES, Jaime Lins Solano. Entrevista concedida a pesquisadora Luciane Moreira Andrade de Lima em 15 de Maio de 2010.

LIMA, Nilsângela Cardoso. Invisíveis asas das ondas ZYQ – 3: a Rádio difusora de Teresina na década de 1950. In.: Nascimento, Francisco de Assis de Sousa. F.C. Fernandes Santiago Jr. Radio: encruzilhada da história: rádio e memória. Recife: Bagaço, 2006.

MARKMAN, Rejane. Música e simbolização – Mangubeat: contracultura em versão cabocla. São Paulo: Annablume, 2007.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. História oral: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.

ORTIZ, Renato. A moderna tradição brasileira – Cultura brasileira e Indústria Cultural. São Paulo: Brasiliense, 1987.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos.** Summus Editorial, 1985.

PAIANO, Enor. **Tropicalismo: bananas ao vento no coração do Brasil.** São Paulo: Scipione, 1996.

PROST, Antoine. **Transições e interferências.** In.: História da Vida Privada: da Primeira Guerra aos nossos dias. São Paulo. Companhia de Letras, 2009.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura.** São Paulo: Brasiliense, 1983.

SILVA, José Bernardo Pereira da. **Entrevista** concedida a pesquisadora Luciane Moreira Andrade de Lima em 03 de Junho de 2010.

SOLON, Daniel Vasconcelos. **Novos sons se espalham por Teresina: os alto-falantes e o processo de modernização da cidade(1939-1952).** In.: Nascimento, Francisco de Assis de Sousa. F.C. Fernandes Santiago Jr. **Radio: encruzilhada da história: radio e memória.** Recife: Bagaço, 2006.

SOUSA, Cleto Sandys Nascimento de. **História e Memória da Rádio Educadora de Parnaíba.** In: NASCIMENTO, Francisco de Assis de Sousa, et AL (org.). **Fragmentos históricos – experiências de pesquisa no Piauí.** Parnaíba, PI: Sieart, 2005.

TATIT, Luiz. **O século da canção.** Cotia: Ateliê Editorial, 2004.

ANEXO

DECLARAÇÃO

Eu, Francisco Lopes Ferreira, declaro para os devidos fins e efeitos legais que autorizo Luciane Moreira Andrade de Lima a utilizar minha entrevista em seus trabalhos.

Parnaíba, 18 de julho de 2010

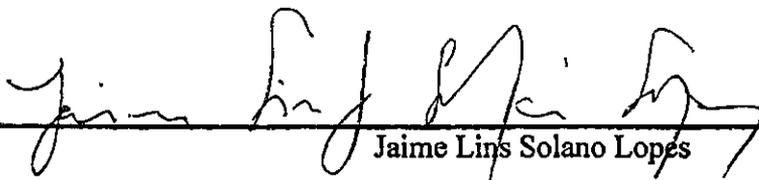
Francisco Lopes Ferreira
Francisco Lopes Ferreira

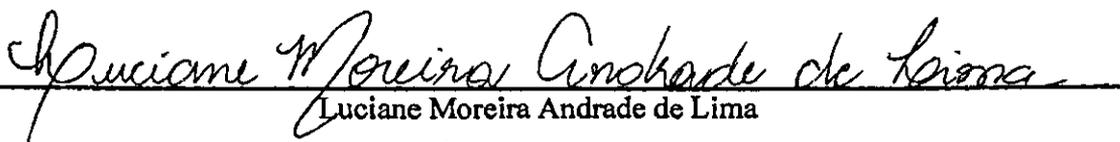
Luciane Moreira Andrade de Lima
Luciane Moreira Andrade de Lima

DECLARAÇÃO

Eu, Jaime Lins Solano Lopes, declaro para os devidos fins e efeitos legais que autorizo Luciane Moreira Andrade de Lima a utilizar minha entrevista em seus trabalhos.

Parnaíba, 18 de julho de 2010


Jaime Lins Solano Lopes


Luciane Moreira Andrade de Lima

DECLARAÇÃO

Eu, José Bernardo Pereira da Silva, declaro para os devidos fins e efeitos legais que autorizo Luciane Moreira Andrade de Lima a utilizar minha entrevista em seus trabalhos.

Parnaíba, 18 de julho de 2010



José Bernardo Pereira da Silva



Luciane Moreira Andrade de Lima